

CEOM 20 anos: algumas lembranças*

*Pedro Francisco Uczai***

Inicialmente, quero cumprimentar a Bety e os demais, por estar aqui nessa noite. Sinto saudades, lembranças das memórias construídas, num período que participei do Centro de Memórias. Quero lembrar mais do que junto com o Centro de Memória, a Fundeste, até porque, não é possível, para mim, no período que estive no CEOM, descolar o CEOM das lutas institucionais, inclusive da FUNDESTE, das disputas, das tensões, dos bons conflitos, e das boas lutas construídas na antiga FUNDESTE. Depois, naquele período, nasceram muitas experiências de boas lutas. Posteriormente, então... Eu estou aqui, muito feliz de falar com vocês nesse debate dos 20 anos de CEOM. Eu não organizei uma coisa sistemática como vocês estão vendo. Eu tenho convivido na docência, mas também com outras experiências, mais desorganizadas, do que o cotidiano de vocês acadêmicos da UNOCHAPECÓ.

Eu acho que a lembrança e a história... E, estou aqui nesse espaço, estou feliz em estar aqui. Quando a Assunta traz a memória dessa opção, de uma decisão política do CEOM, um espaço de viabilidade e, até uma condição política diferenciada do que se vinha construindo nos grandes espaços físicos, inclusive, porque memória e espaço físico também são uma questão de significado importante de eu estar aqui, nesse espaço, onde tive, junto com o CEOM, o poder de estar decidindo, na época como prefeito de Chapecó, e feliz por estar sentado aqui, nessa mesa.

Eu gostaria de estar falando dos 20 anos do CEOM, trazendo um pouco uma alegria e, ao mesmo tempo, uma sensação de indignação ética. Eu, em 2006, participei de um evento no município, onde não era historiador, mas, provavelmente, eram outros educadores, que construíram a história de um município e ouviram os sujeitos desse município e fiquei muito feliz por estarem recuperando a história de memória local e trazendo diferentes sujeitos, falando sobre aquela história vivida. Mas quero falar de uma indignação e uma tristeza ao mesmo tempo, porque as pessoas que deram depoimentos - eu dizendo pessoas, mas na época diziam

“sujeitos históricos”. Era muito forte, nós falávamos de “sujeitos históricos”, palavra que vinha do mestrado de SP, que discutia os novos movimentos sociais, que eram sujeitos os coletivos do Eder Sader. Os novos sujeitos sociais entram em cena, para mim, a palavra “sujeito histórico” é importante porque representa o que as pessoas vivenciaram. Eu vivencio, agora, em 2006, um momento histórico de uma festa grande, de um município pequeno na região Oeste, onde a história do município foi apresentada, onde foram ouvidos muitos sujeitos, mas esses sujeitos mudaram de nome. Agora, o nome era “colaboradores”. Eram os colaboradores e aí trouxeram os colaboradores para frente, para destacá-los, os colaboradores dessa história da memória de escrever sobre o município. E aí falavam de expressões e categorias que eu estudei nos últimos cinco anos, de como os processos de dominação social, de domesticação das classes sociais estavam se construindo em novas categorias históricas, filosóficas ou ideológicas, ou qualquer coisa que você chame. Sujeito e deixar de ser sujeito, e virar colaborador, me impressionou demais, e virou “colaborador” de lá, colaborador de cá, parceiro de lá. Eu disse, olha a qualidade total entrando na Universidade, olha a qualidade total entrando nas histórias dos municípios! Olha a qualidade total... Um total que chega a ser totalitário, que deixa ele de ser sujeito e passa a ser colaborador. Me impressionou demais, e por isso, o que me motiva estar aqui hoje, discutir esse primeiro ponto.

O segundo ponto que me motiva estar aqui é uma coisa bonita do CEOM que, eu não sei se vocês não deveriam denominar CEOM/FUNDESTE/UNOESC e UNOCHAPECÓ no material que vocês divulgam, o material publicitário do CEOM; ele deveria ser FUNDESTE/ UNOESC/UNOCHAPECÓ. Até para que o CEOM seja o centro da memória da FUNDESTE da UNOESC e da UNOCHAPECÓ. Então, eu tô falando isso por alto, pensando alto, nas minhas reflexões aqui, e se eu vivesse 20 anos, CEOM, FUNDESTE trazia a memória histórica. CEOM, UNOCHAPECÓ, se teve ou não essa relação com a UNOESC eu acho que é

interessante recuperar trazer um pouco o que significou nesse período e agora, o CEOM UNOCHAPECÓ, só a título de problematização da história e memória. Porque nós, que somos CEOM não pode ser somente UNOCHAPECÓ. Nós que somos CEOM somos FUNDESTE, nós que somos CEOM, eu me criei dentro da FUNDESTE, eu vim para Chapecó como FUNDESTE em 1989 e fui coordenador quando era FUNDESTE, e por isso, só porque do detalhe que eu acho interessante para problematizar o debate aqui junto com a Bety.

Em terceiro lugar, o que é que motivava os debates aqui? Eu quero fazer um levantamento de como se processou o debate naquele momento que eu coordenava. Eu estava presente com a Bety e os outros profissionais. Essa questão das temáticas, como a colonização, aqui onde a *"veiarada"* começou a ficar velha e morrer, aí vamos recuperar, porque os mortos vão ter que falar. Os velhos têm que falar. E aí a gente pegava o livro da Ecléa Bosi, Lembranças de Velhos, lá de SP mostrando as transformações na cidade de SP, e queríamos correr atrás da *"veiarada"* da região, porque os velhos estavam morrendo. Então, a história oral era um pouco assim quando eu vim para cá, quando eu assumi o CEOM era muito forte isso. Vamos entrevistar os velhos! Que os velhos vão morrer! E, aí, que a gente lia as histórias de velhos, lembranças de velhos, para recuperar os velhos. Essa foi uma motivação de trazer a memória e de manter a memória, no resgate que era uma palavra muito forte, o resgate da memória na região. Então, vamos recuperar e ouvir os velhos, entrevistar, e deixar a entrevista lá, mas tem que deixar a fala dos velhos lá, para que a gente possa ter a história. Então, essa era uma das primeiras questões presente na época.

A segunda questão era a questão mais historiográfica, de temas de discussão, de outros temas além do positivismo. Intrigava-nos algumas tensões, de um lado, a Eli Bellani, que tinha uma compreensão da História. No meu período foi publicado um texto da Eli, a Bety coordenou esse trabalho que era da Eli: *"Chapecó: legislação e evidências"*. Mostra que naquela época, era democrático

o nosso caderno do CEOM. No 4º ano, no número 4, edição especial dos “Cadernos” sobre Chapecó. Essa coisa da origem estava presente, e o que é que nós nos deparávamos dentro desse diálogo do positivismo, e de buscar a origem, política administrativa etc ... Queríamos construir outra história, mas nos deparávamos também sempre com os depoimentos, ou com os documentos dos municípios que cada município tinha uma origem: a origem do primeiro morador, a origem da primeira família, a origem dos primeiros colonos, a origem do primeiro padre, do primeiro prefeito, do delegado. É isso. Era uma tensão permanente, era essa coisa da origem ao mesmo tempo. O emergir dos movimentos sociais, movimentos populares e outros sujeitos, querendo existir no Oeste de SC. E, os índios manifestando a presença, aqui na região; os caboclos manifestando a presença na região também, e rompendo no cenário histórico; as mulheres e os movimentos sociais, que aí publicou-se o material e persistiu essa grande contradição. De um lado, essa coisa de ouvir velhos, mas os colonizadores, e a história dos municípios, mostrando essa visão um pouco linear, de política administrativa, ou da origem dos colonos, mesmo ouvindo eles trazendo essa memória um pouco dominante da região, convivendo e coexistindo contraditoriamente e competitivamente, com outros sujeitos que foram emergindo. Por isso que as próprias publicações dessa época vão mostrar um pouco em “Legislação e evidências do município de Chapecó de 1917 a 1931”. Depois, “Para uma história dos os índios do Oeste Catarinense” do Vilmar D’Angelis, que a Bety coordenou. Um outro texto sobre os caboclos do Jaci Poli e da Arlene Renk, o debate dos caboclos e dos índios nesse mesmo período. Por isso, índio e caboclo participando da FUNDESTE, da história, emergindo com o sujeito histórico.

E depois, com essa coisa de centro de memória, museu, que era outra tensão entre ser museu e centro de memória, que nunca se resolveu e acho que não precisa se resolver, porque é uma outra questão em aberto, na época e acho que continua em aberto.

E aí depois que nós estávamos na coordenação, com a Bety estava nessa equipe, se construiu essa coisa de se orientar os municípios, orientar que não era só memória de objetos ou documentos das câmaras de vereadores. Que era mais fácil coletar, num perspectiva colecionista, era orientar de como colecionar história oral. E aí veio um caderno “Manual de Orientação” de pesquisas, coletas, e registro da memória sócio cultural do Oeste Catarinense. Olha a ousadia nossa! Ousadia da época, mas era um pouco de orientar, de como fazer entrevista, inclusive o cuidado no final desse Caderno que era até a ficha de doação prevista. O cuidado de quem dava entrevista, e eu lembro que daí nós escrevemos fontes de memórias. Eu estava relendo aqui as fontes de pesquisa. Era um debate que vinha com a perspectiva conservadora e historiográfica, com uma tentativa de novas possibilidades de leituras da história. O manual vai contradizer essas manifestações, e visão histórica é muito forte. E acho que é um documento, para mim, muito bonito e histórico aqui. Então eu acho que é um pouco as publicações que se demonstrou na emergência das tensões, das problematizações que estavam sendo feitas, naquele momento da própria historiografia: “Toldo Chimbang”, “Cadernos do CEOM”, outros cadernos.

Essa questão mais da arqueologia e as Companhias Colonizadoras, que veio esse debate depois e essa coisa de país jovem ou não e que Assunta referiu-se aqui, nós tínhamos essa tensão, também na época dos municípios e aí quando eu fui trabalhar num curso de pós-graduação, a gente fez um levantamento de um monte de livros sobre os municípios, e essa coisa que intrigava a gente que nós íamos lá nos sítios arqueológicos, dez mil anos, três mil anos, dos caboclos aqui da região, dos índios aqui da região, e das memórias municipais. Se insistia que a história começou em 1917, 1930, 1940. E a gente dava curso para os professores, perguntava quando começou a história do município 1945, 1950, 1930, 1960 e se reproduzia essa memória, pensando, até hoje ela tá presente, esse jeito de ver a história e da memória. E na época nós líamos um

texto... Eu acho que da questão pré histórica, se a história começa com o primeiro colono, antes da pré história, se não é história, dá para silenciar, expropriá-la. Eu construí umas categorias das visões da história do Oeste, que não ocorreu só a expropriação econômica da terra dos caboclos, dos índios, mas eu, nos meus cursos de formação, dizia que se expropriou o caboclo, o índio e tantos outros sujeitos, como as mulheres. A maior parte da história dos municípios não têm mulher, não têm camponesa, operário... E, como não tinha os índios, os caboclos se expropriou, não só da terra, mas da memória, da história esses sujeitos históricos. Por isso que até hoje tem se compelido a nossa região não só das classes sociais, econômicas, mas também cultural, históricas.

Insiste-se em construir uma outra memória, e que o Alceu aqui que o diga, da relação das colonizadoras com os espaços regionais. Se pegarmos a linha Araçá, lá em Saudades, é uma tensão competitiva, permanente e contraditória desta historiografia dos 20 anos do CEOM. Por isso que eu acho que o CEOM tá de parabéns, 20 anos de memória histórica, tudo na perspectiva política de Chapecó.

Quando a gente começou a valorizar algumas coisas, dos 8 anos de administração aqui, como recuperar a Colônia Bacia lá junto com o CEOM, lá na Sede Figueira, não só no aspecto religioso, mas histórico lá. O hotel fazenda, transformando uma casa rural num Hotel Fazenda, ou o Museu do Tropeiro, lá do Boa Vista, ou a Trilha do Pitoco, que se mistura com a cultura cabocla, e que, o caboclo diz porque ele não vende a terra lá na terra do Pitoco, ali perto do rio Uruguai, onde tem tanta coisa dessa da memória e da história, como também da recuperação do patrimônio. Eu mesmo numa ação política, eu dizia que todo o patrimônio que se construiu aqui em Chapecó, que era público, deveria permanecer público. Aqui no lado a Conab eu tinha uma proposição de que esse espaço deveria ser um centro regional de memória também, não só de comercialização, e centro cultural em dois espaços que vocês, logo que vai ser inaugurado, vocês vão perceber. Mas eu imaginava, nesse

espaço público, e por isso que nós impedimos judicialmente a privatização dele e entrei na justiça para não ir para leilão, e depois, conquistei esse espaço. Tô falando assim, a gente, como agente público, esse coletivo que estava na Prefeitura, e eu imaginava um corredor aqui, uma passarela, daqui desse Centro de Memória, do terminal rodoviário, que mobiliza gente e transita, a relação de Chapecó com a região, e com o país, e com, o mundo. Vamos pensar assim, ai nesse espaço, tem um centro de memória regional, do jeito que se construiu, tinha até o lugar reservado para esse centro de memória, onde se dialogaria com a região. Quando nasceu esse projeto, que eu apresentei, ele já tinha uma dimensão regional. Ele já teria 19 municípios comercializando seu produtos, e não só produtos econômicos, mas também a sua convivência com a cultura, com memória, com a história. E acho que tem que continuar com esse projeto. Por isso que eu acho que o CEOM deve permanecer aqui, esse espaço, não tem que ser só 5 anos, mas tem que conquistar esse espaço para o Centro de Memória, ou sair outros projetos do Centro de Memória. E eu acho que alçar os projetos aqui, não só publicação de pesquisa e da memória, aqui ligando a história. Aqui, quando eu vejo o colega aqui discutindo turismo e memórias, eu acho que esse espaço deveria ser o espaço da memória, pelo excelente papel que o CEOM tem. O mercado público, onde se contaria histórias, deveria ter naquele centro cultural, não só música, expressões culturais, mas deveria naqueles dois palcos que nós projetamos... deveria ser os contadores de história de diferentes sujeitos e rostos aqui da região oeste de SC. Então, quando projetamos um pouco esse espaço, como espaço democrático, espaço da pluralidade, um espaço dos diferentes se manifestarem, num mercado público, que é um lugar público por excelência. Todos os sujeitos tem que ter direito ao espaço público, não estatal, mas público nesta perspectiva, que eu acredito.

Eu tô aqui muito feliz, de estar discutindo um pouco isso. Trouxe algumas questões aqui, eu lembro que vocês estão fortalecendo muito o CEOM, e na época, do escrito foi para memória

oral, depois para as fotografias e, nós não tínhamos dinheiro, para discutir nada em fotografia. Fizemos uma campanha para fazer exposição fotográfica. E eu acho que é uma área que tem que avançar muito ainda, depois da imagem e da historiografia através da imagem, e que eu vejo vocês... tava vendo ali, nos corredores umas coisas muito bonitas de vocês.

Eu quero dizer, para concluir, quando eu e o Telmo fizemos as disciplinas de doutorado, e eu não acabei o doutorado por assumir uma coisa mais política, de renunciar para ser vice-prefeito, na época e não consegui concluir a tese de doutorado, mas nós escrevemos um texto sobre a memória aqui de Chapecó, num livro publicado na Universidade Federal de Santa Catarina, que nós trouxemos um pouco, não só o debate de uma memória do passado, mas uma memória sendo disputada. É a memória sendo disputada. E eu trago aqui, dois momentos dessa disputa, aqui de Chapecó: um na Vila Rica, o fazer-se da comunidade do Vila Rica. Olha, a Vila Rica não estava nem no mapa de Chapecó! A elite de Chapecó tinha que esconder os pobres. Então, aqui do bairro da Lagoa, que hoje é Presidente Médici, eles jogaram os pobres pro buraco do São Pedro. Tinham que desapropriá-los do Jardim Itália e dessa região, e os outros pobres que faziam trabalhos como bóia-fria, ou outros trabalhos nas fazendas aqui ao redor. Criaram o Vila Rica, numa área irregular, sem condição nenhuma, não só infraestrutura mas não tinha nem a condição das pessoas se referenciar ao local de moradia. E o que mais nos impressionou não foi ter feito a estrada e as pessoas elogiarem a estrada que foi feita, ter reformado e ampliado a escola, ter feito os banheiros lá, que se conseguiu do ministério da saúde. O que mais nós impressionou na recuperação do Vila Rica, foi quando os moradores e moradoras disseram, vários deles, que eles agora poderiam receber carta, que agora eles poderiam receber uma carta dos seus parentes, porque antes, não tinha número na casa, não tinha número, nem endereço. Eles começaram a ter orgulho, e a emoção de ver eles falando, era poder receber uma carta, poder dizer agora eu tenho endereço, eu tenho um lugar.

Porque eles não tinham o direito de receber carta, nessa coisa do lugar e, quando se colocou o número na casa, teve a maior significado para as pessoas manifestando mais atenção a isso do que o banheiro, que o poder público investiu lá mil, dois mil reais e investiu 2, 3, reais uma mixaria, lá no sentido econômico do número da casa. Mas o número da casa e o número da rua deu... não sei qual a categoria de vocês, que são mais agora especializados nas categorias de análise teórica aqui, mas eu acho que essa coisa da idéia, não sei se é de pertencimento ou de identidade? Ao dizer, agora esse lugar me pertence também e, eu me referencio com o mundo, a partir desse lugar. Eu acho que essa idéia do lugar, nesses lugares de memória de... não sei se ele me ajuda a explicar esse significado para as pessoas.

E o segundo, a disputa pela elite de Chapecó, num momento presente quando a população quis o nome da praça “Liberdade”, aqui no Presidente Médici os conservadores que desapropriaram os moradores pobres do Presidente Médici, construíram uma memória dominante do Presidente Médici, mais do que o nome, da memória dominante da ditadura militar, mais conservadora que podia existir, num nome de um bairro de Chapecó: “Presidente Médici”, tirando o nome de “Bairro da Lagoa”. Eles quiseram dar para a praça um nome de uma família tradicional, dessa memória, e os moradores se rebelaram, resistiram, construíram abaixo assinado e lutas, e construíram outro nome da Praça da Liberdade, da liberdade inclusive do Presidente Médici! Mas liberdade de ter outros nomes e outras memórias e outras histórias, que aqueles bancos das praças permitem outros olhares e outras experiências de vida, mas também de outras histórias a serem contadas. E o símbolo, o monumento que o Xico Brak fez do monumento da Praça da Liberdade. Eu acho que aquele monumento é bonito, e eu acho que ele reporta tensão no fazer-se da cidade. Eu acho que é bonito para os arquitetos perceberem, um outro monumento, que todas as discussões de monumentos de memória é compatível.

Eu queria concluir a minha fala, e fui atrás de dinheiro e consegui 40 mil reais do BESC e da ELETROSUL, no final do meu governo para fazer presente a memória de uma figura que, para mim é tão emblemática. E eu escrevi no verso do livro, quando coordenei esse livro sobre “Dom” José mestre e aprendiz do povo é um busto de Dom José no centro da cidade de Chapecó. E eu não tive tempo de fazer a licitação, consegui a grana para fazer o monumento, montamos a proposta para fazer o monumento e depois selecionei alguns setores, igrejas e aí tive a esperança de com a reforma da catedral, teria o busto também. E veio a reforma, e não veio o busto. Vou continuar tensionando e, um dia, quero ver ainda a memória dele num espaço público, de tensão e conflitos, entre o Desbravador e o Dom José. Como posso olhar duas experiências vividas no município de Chapecó, que poderia ser exposta aqui, na cidade de Chapecó. Porque se não, vai silenciar uma parte da história, vai se desapropriar uma parte da história e que a memória dos dominantes de Chapecó não só referenciem o Desbravador, com essa história dominante deste espaço local e regional, mas que a gente possa emergir outros gostos e outras experiências históricas. Porque eu não tenho dúvida, que essa cidade tem que ser democrática. Ela tem que permitir os sujeitos serem, ou ter visibilidade nesta história, nessa comunidade. Ainda quero ver esse busto de um jeito ou de outro, ou de outros jeitos, de aparecer como Centro de Memória do Dom José. Se precisar publicar a segunda edição de Dom José, se vai esperar terminar primeiro, eu vou atrás para publicá-lo, revisará-la porque Dom José, para mim é mais que Dom, é muito mais José. Ele trás para nós essa mistura do Centro de Memória. Se alguém, que se mistura nos anos do CEOM, os diferentes sujeitos que emergiram, não só como sujeitos coletivos, mas resistências silenciosas das memórias silenciosas. Quando eu dizia para as mulheres, na década de 1970, vocês não tem futuro se vocês só trabalharem, isso em plena ditadura militar, dizer que vocês não tem futuro se vocês só ficarem trabalhando. Mais se também por o pé na estrada, e se organizarem... E, dessa organização virou

um movimento, e desse movimento virou liderança e dessas lideranças viraram leis. Eu acredito que o Centro de Memória pode não só trazer a memória, mas trazer também novas possibilidades de futuro para nossa região e todos homens e mulheres possam ter direito a história e a memória.

Nesse momento da história, convido a todos que a gente conviveu, para cada vez mais ousar. A Universidade precisa, cada vez mais, se abrir para esse mundo na memória e a história, e cada vez mais ter apoio institucional. E, quando eu vejo a Caixa apoiando, ter que buscar outras instituição públicas, para apoiar esses projetos estratégicos do CEOM e, em segundo lugar, acho que o curso de história, os outros cursos da Universidade precisam, dialogar com o Centro de Memória cada vez mais, porque se não, fica uma coisa meia separada; e tem que conviver, cada vez mais, com esse Centro, e eles tem que estar cada vez mais ousado, abusado e invadido aqui, esse Centro de Memória. Ele precisa ser invadido e, eu acho que vocês deveriam... E, acho que... Quem sou eu para falar isso? Eu vou mudar minhas palavras: Bem, acho que, pelo espaço que vocês tem aqui, deveriam fazer algum documentário, ou pesquisa, ou extensão, ou imagens dos sujeitos que participam desse espaço local, no primeiro piso, que é os que pegam o ônibus. Quem são esses sujeitos, que na mobilidade urbana, ou mobilidade da cidade, no fazer da história, quem são esses sujeitos, esses homens e mulheres, que andam de ônibus, prá lá e prá cá? Quem vem? Quem sai? Prá onde vão, prá onde vem? Porque vem, porque vai? Eu acho o olhar a cidade a partir da rodoviária, acho que dá um projeto bonito, dinâmico. Se vocês estão fazendo, parabéns, se não, acho que é uma coisa bonita e que poderia dinamizar o Centro de Memória. E em terceiro lugar acho que esse Centro de Memória podia sempre ter gente aqui, tem que ter, como eu não sei, mas tem que ter sempre gente, dos que escrevem, dos que leem. Mas, e os que não leem, não escrevem, eu acho que deveriam viver aqui, os grandes sujeitos, com diferentes histórias ou diferentes memórias.

E, eu quando estávamos discutindo arquitetura, que mais me impressionou foi quando a gente fez o Congresso da Cidade planejou um pouco a cidade de Chapecó e que, lamentavelmente, a especulação imobiliária volta a hegemonia, aqui em Chapecó, com o novo plano diretor, eles vão destruir novamente o jeito de fazer democrático, da cidade e está voltando o jeito da especulação imobiliária mandando na cidade lamentável forma de fazer a cidade que nós conseguimos, novas bases, novas diretrizes para pensar o futuro de Chapecó. É fazer agora pouco, eu atendi uma aluna, que está fazendo a pesquisa sobre o trânsito, sobre a cidade e a concepção de cidade do pedestre, da pessoa, do carro, do ônibus, dos bens coletivos, de consumo, e quando eu vejo a mudança do plano diretor, que foi a maior obra não física, mas um outro jeito de conceber a cidade, dos diferentes sujeitos que vivenciam essa cidade, com outra matriz ideológica, histórica, eles estão desmontando esse jeito de fazer cidade. Retomando a hegemonia especulativa do jeito de morar das cidades, das imobiliárias, acho que deveria pensar e conceber essa cidade que o arquiteto dizia prá mim, eu tô aqui há 20 anos, e não conhecia a cidade então, ouviu o povo e os outros setores da sociedade e começou a olhar a cidade de outro jeito. Estão voltando os técnicos, mandar com a especulação imobiliária, partir de uma visão totalmente atravessada da democracia.

Então, eu acho que vocês devem fazer do CEOM uma espaço da discussão política do futuro desse espaço público do futuro desse espaço histórico. E tem que fazer aqui os grandes debates conflitivos e contraditório, os grandes debates polêmicos da cidade da pólis. Teria que ser o Centro de Memória discutindo o passado, discutindo a memória, discutindo a cidade, discutindo essa região, debatendo com ela, conflitando com ela. Tem aqui um representante, aqui que dialoga com a FUNAI . Os índios aqui, a história, a memória, e as técnicas de discutir, de trazer aqui todo mundo aqui. Eu acho que tem os seu lugar da polêmica, lugar do contraditório, o lugar dos diferentes que eu acho aqui para o futuro desses espaços públicos, ser o espaço de todo mundo. Conflita por isso não vai ganhar a

hegemonia dominante das classes dominantes, da memória dominante. E tem que permitir outro tipo de construção histórica, democrática, plural, onde diferentes sujeitos possam viver nessa cidade e, como aquele senhor, aquela senhora, lá do Vila Rica, dizer: eu vivo em Chapecó, democraticamente, eticamente e, eu faço parte dessa cidade, sendo homem, sendo mulher, sendo um operário, lá do Tiago ou aqui do Presidente Médici, ou lá do Itália, ou lá do bairro Seminário, ou aqui próximo do meu bairro, Passo dos Fortes. Então, um pouco disso que eu gostaria de deixar aqui como mensagem. E, eu fiquei tão feliz quando eu tava recuperando esses textos aqui da região, o Angelo Cansi foi professor do exército, e é pai de um amigo meu, o Adriano Cansi que é engenheiro agrônomo. E ele foi professor dois anos. Então eu termino minha fala dizendo uma poesia que é o histórico de uma comunidade, Linha São Roque, Anchieta, SC, mas a poesia também fala um pouco da história de Anchieta e São Roque, só que o título podia ser um pouco diferente, mas a poesia faz parte dessa história aqui da região da escola da comunidade.

Professor

Na escola da comunidade, dois anos lecionei
Enfrentando muitas dificuldades, com os alunos que
encontrei,
Não era muito entendido, fui professor a pedido,
Por isso dois anos lecionei, meus alunos sete ao todo,
Ser um professor ...
Estamos no mês de setembro, o nome deles eu me lembro,
Um deles se chamava Domicio, menino bom não fazia
estrupício,
O mano dele era Altamir, às vezes, fazia me rir, às vezes
aconteceu fato.
Outro aluno era o Renato, andava sempre avermelhado
pelo sol, todo queimado,
Outro aluno era Osvaldo Machado, era bom que nem
achado,
Seu mano, Nelson, muito acanhado, andava um tanto

atordoados,

O Meli e a Leni, coisa que nunca vi, viviam aos
arranhados, nem parecia ser irmãos,

Eu morava na Linha Floresta, lá nunca foi festa,

Eu ia a cavalo do petiço, ainda me sinto orgulhoso,

Também eu trabalhava na roça, cangava os bois na
carroça,

Meio dia na roça trabalhava, outro meio dia aula,

Os alunos aprendendo a ler e a escrever e como as contas
a fazer,

Assim os dias passando, e eu a cavalo andando,

E às pressas pulei, no petiço andava, bem me lembro
disso,

Saiu correndo que nem vi de tanta pressa o chinelo
esqueci,

Cheguei na escola de pé no chão mas ninguém deu bola,
Ser um professor...

Dez anos eu lecionei, mas dá aula eu cansei,

Nove meses sem salário receber,

A primeira vez que eu recebi nunca mais esqueci,

Era nove contos eu não tinha desconto,

Naquele ido tempão parecia um dinheirão,

Mesmo assim ajudava, e da vida eu gostava,

Ainda hoje me chamam de professor,

Não sei por desprezo, ou por amor,

Se os anos não foram bem vividos tenho certeza que foram
divertidos.

Esta poesia é a minha homenagem ao CEOM nos seus
20 anos. Obrigado!

Notas

Este texto foi mantido quase que na sua forma original, um depoimento realizado pelo ex-coordenador do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina – CEOM, durante a semana comemorativa aos 20 anos do CEOM, na Mesa Redonda: **Memórias de Um Centro de Memórias**: O CEOM no Oeste Catarinense.

Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Coordenador do CEOM (1988-1999); Vice-Reitor de Pesquisa da UNOESC – Campus Chapecó; Deputado Estadual pelo Partido dos Trabalhadores; Prefeito de Chapecó (2001-2004); A partir de 2007 está exercendo seu segundo mandato como Deputado Estadual.